

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA DISCUSSÃO NO ÂMBITO DO PIBID / PEDAGOGIA¹

Geanne Gonçalves dos Santos²
Clara Melo Casotti Bastos³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo explorar alguns dos principais desafios de aprendizagem no período de alfabetização infantil e apresentar uma discussão sobre possibilidades de intervenção a partir do desenvolvimento de práticas pedagógicas a fim de que o aluno tenha sucesso nessa etapa da escolarização. O trabalho é resultado de reflexões após algumas intervenções pedagógicas atentas, relacionando aspectos teórico-metodológicos que podem fornecer subsídios para um processo de ensino e aprendizagem relevante. Como recorte teórico que compõe a base deste trabalho, temos as autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1989), cuja estrutura teórico-metodológica provém do construtivismo de Jean Piaget (1896 - 1980). E, como base normativa, temos a BNCC - Base Nacional Comum Curricular para nortear as ações de planejamento das ações pedagógicas em sala de aula. Os resultados demonstram a importância de o professor considerar o aluno como um sujeito dotado de inteligência e, por isso, estar atento às práticas pedagógicas adotadas, considerando, inclusive, diversificá-las, caso julgue necessário.

Palavras-chave: Alfabetização, Dificuldades de aprendizagem, Língua escrita.

INTRODUÇÃO

O fracasso escolar é uma temática complexa que acompanha toda a comunidade escolar e em todas as etapas da educação básica. É tema estudado há décadas, por diferentes autores e sob diversas perspectivas. No entanto, é sabido que é na etapa da alfabetização que se concentra a maior parte dos entraves para o bom desempenho nos anos seguintes da escolarização básica até sua última - o ensino médio. E é nesse âmbito que este texto propõe discussão.

Quando uma criança entra em contato com o ambiente escolar, ela traz consigo conhecimentos, habilidades, e vivências advindas de seu meio social. A escola promove o

¹ Texto produzido no âmbito do PIBID - Programa Institucional de Iniciação à Docência, cuja agência de fomento é a CAPES.

² Graduanda do curso de Pedagogia do Instituto Federal de Brasília. geannests40@gmail.com

³ Mestre em Educação, Instituto Federal de Brasília e coordenadora de área do PIBID/Pedagogia. clara.bastos@ifb.edu.br

conhecimento, o desenvolvimento moral e social dos alunos e contribui para o seu desenvolvimento. Os professores são geralmente os primeiros a perceber as dificuldades dos alunos na escola nos anos iniciais. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2018), nos anos iniciais do ensino fundamental nos quais consistem em cinco anos letivos (1º ao 5º ano), o foco da ação pedagógica deve ser a alfabetização, cujo objetivo para as crianças é desenvolver tanto sua escrita e leitura quanto seus princípios matemáticos.

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos (BNCC, 2018, p. 59)

Constatamos que ainda há carência de pesquisas científicas sobre as dificuldades de aprendizagens, e a definição de dificuldade de aprendizagem é uma das mais difíceis para os envolvidos diretamente com a educação. Mas vale ressaltar que elas estão relacionadas a fatores pedagógicos e não são classificadas como transtornos. Segundo a definição de Ciasca (2003):

As dificuldades de aprendizagem correspondem a uma categoria ampla de fenômenos que podem influenciar negativamente o aprendizado. Abrangem os problemas de aprendizagem e os problemas escolares, isto é, o modo como a escola lida com o processo de ensino-aprendizagem. Enquanto os problemas de aprendizagem concentram o peso da dificuldade no aluno, as dificuldades de aprendizagem incluem os fatores externos ao aluno. No caso da escola, são os problemas de origem pedagógica. (CIASCA, 2003, p. 31 apud LEITE, 2012, p. 16).

METODOLOGIA

A metodologia adotada parte da experiência proporcionada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), nos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola rural localizada no Distrito Federal. Foram feitas intervenções com os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental com o propósito de colocar em prática os conteúdos aprendidos no curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Brasília, campus São Sebastião, além de ajudá-los no processo de aprendizagem dos alunos. As intervenções foram feitas uma vez na semana, com duração de duas horas e meia cada, durante as quais trabalhamos temas com as crianças a fim de desenvolver a leitura, escrita e os princípios matemáticos.

Na primeira semana de intervenção conhecemos a escola e a turma com a qual iríamos trabalhar durante nosso período, e começamos nossas intervenções pelo primeiro ano do ensino fundamental onde a faixa etária das crianças era entre sete a oito anos.

De primeiro momento fizemos um mapeamento da turma, a quantidade de alunos, o sexo dos alunos, onde eles residiam, o nível que eles se encontram no processo de alfabetização e suas principais dificuldades da turma. Esta tinha no total 22 alunos, em que a maioria era formada por meninas. Os alunos residiam próximos à escola e a maioria da turma se encontrava no nível silábico de alfabetização, e as principais dificuldades estavam relacionadas ao português e à matemática.

Nas duas semanas seguintes trabalhamos com os alunos Língua Portuguesa a fim de identificar as maiores dificuldades que as crianças apresentaram e como poderíamos intervir a fim de que os alunos avançassem no seu processo de alfabetização. Buscamos temáticas que tenham a ver com a escola e as crianças, para não trabalhar algo fora da realidade dos alunos. Assim, trabalhamos o tema da festa junina já que os alunos estavam se preparando para o período junino que teria na escola. Trabalhamos a leitura e escrita dos alunos com base nos elementos da festa junina, trouxemos vídeos relacionados ao tema, discutimos sobre o tema e fizemos uma atividade que trabalhava a letra inicial das palavras que estavam presentes dentro da temática.

Quanto aos princípios matemáticos e identificarmos como os alunos estavam em relação a eles, optamos fazer operações de adição e subtração com material concreto e colorido para atrair e tornar a matemática algo divertido a se fazer.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como recorte teórico que compõe a base deste trabalho, temos as autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1989), cuja estrutura teórico-metodológica provém do construtivismo de Jean Piaget (1896 - 1980). E, como base normativa, temos a BNCC - Base Nacional Comum Curricular para nortear as ações de planejamento das ações pedagógicas em sala de aula.

Assim, seguindo as discussões das referidas autoras, os termos dificuldade de aprendizagem e alfabetização - bastante utilizados neste texto, estão localizados em bases construtivistas. Entende-se então as dificuldades de aprendizagem como um grupo heterogêneo de manifestações que afetam a leitura, a escrita e a matemática, resultando em baixo desempenho escolar. Sobre isso, Andrade et. al (2017), se referindo ao trabalho de Ferreiro e Teberosky:

O pano de fundo social é formado pelo grande número de crianças que não aprendiam a ler e escrever, fato esse que, segundo as autoras, se daria em razão da deserção escolar. Esta, por sua vez, seria fruto "mais de um problema de dimensões sociais do

que da consequência de vontades individuais", uma espécie de "expulsão encoberta", em que as desigualdades social e econômica refletem-se na desigualdade de oportunidades educacionais.

No entanto, muitos alunos têm dificuldades com a escrita e a leitura na escola por se tratar de uma atividade e habilidade complexa, que envolve muitos processos interdependentes, como conhecimento da estrutura do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). O SEA tem como alguns dos objetivos desenvolver nos alunos habilidades de entender as relações entre grafemas e fonemas, saber decodificar palavras e textos escritos, desenvolver a leitura reconhecendo globalmente as palavras, entre outras.

Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1989), a criança passa pelo processo de aquisição da escrita a partir de cinco níveis de hipóteses: pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética. Ao nível da hipótese pré-silábica, não há diferença entre a grafia de uma palavra e outra, porque os traços são muito semelhantes entre si. Somente o autor da escrita pré-silábica é capaz de identificar o que ele fez. Dessa forma, a escrita pode não funcionar como meio de comunicação nessa fase.

No nível silábico a criança atribui um valor sonoro a cada sílaba das palavras registradas. As crianças combinam a escrita com a fala, algumas crianças escrevem as sílabas sem algum tipo de valor sonoro. Assim começando nesse nível um conflito entre a hipótese da sílaba e o número mínimo de letras necessárias para ler uma palavra. O próximo nível é uma transição do silábico para o alfabético. É uma escrita quase alfabética, em que a criança começa a escrever alfabeticamente algumas sílabas e para outras permanece silábico. Percebe primeiramente que a sílaba tem duas letras e posteriormente que existem sílabas com mais de duas letras, possuindo dificuldades em separar palavras quando escreve frases ou texto. É nesse nível em que alguns adultos usam o termo em que a criança estaria engolindo letras.

Na última hipótese do processo de aquisição da escrita, o nível de escrita da criança é classificado como alfabetizado. Nessa fase, a criança entende que a escrita tem uma função social: a comunicação. Embora na transição para esse estágio a criança ainda possa pular letras e não separar todas as palavras em uma frase, ela consegue demonstrar que sabe escrever letras e sabe que cada um dos caracteres corresponde a valores menores que uma sílaba, além de também saber o valor sonoro de todas ou quase todas as letras sem ter problemas com o conceito de escrita.

Dados recentes do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) 2018, mostram que a média no ano de 2018, foi de 413 pontos de proficiência dos jovens brasileiros

em letramento e em leitura, sendo assim, o Brasil está 74 pontos abaixo da média. Tratando-se de Matemática, a proficiência foi de 384 pontos – 108 pontos abaixo da média. Esses resultados mostraram a necessidade de reorganizar a educação brasileira e investir mais nas escolas e na formação básica e continuada de professores.

A alfabetização é um tema de constante reflexão e nesse processo o professor se propõe a apresentar uma prática pedagógica na qual atende todos os seus alunos, de forma que aqueles que apresentem alguma dificuldade ela seja por conseguinte saturada. A prática pedagógica deve ter por objetivo direcionar atividades didáticas que orientem as crianças em seu aprendizado considerando que cada aluno aprende com base em suas necessidades e características.

Por fim, a alfabetização não é apenas a capacidade de combinar letras para formar sílabas, sílabas para formar palavras e palavras para formar frases e formar frases para formar textos, mas a capacidade de saber o que você lê e escreve, a capacidade de usar socialmente a leitura e a escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitas vezes as dificuldades de aprendizagem são resolvidas com a mudança de atitude do professor e do aluno em relação ao conteúdo. O primeiro passo para ajudar os professores e alunos a superar as dificuldades dos alunos é mudar sua perspectiva. É importante esclarecer que um estudante com dificuldade não é incapaz de aprender lembrando-o de que esses problemas são comuns e dependem de muitos fatores, é importante que ele mantenha a confiança e a motivação.

Nesse contexto, a pesquisa deste estudo constatou que durante a vivência escolar deparamos com crianças que possuíam dificuldades no reconhecimento de letras e números, dificuldades na leitura e escrita de grafemas e fonemas e com dificuldade para realizar contas simples em matemática.

As dificuldades na leitura e escrita podem ser provocadas pela qualidade da instrução e das características emocionais e motivadoras. Por isso é importante que a criança seja observada e avaliada, pois variáveis distintas podem estar relacionadas ao aprendizado do aluno, como o método pedagógico ou o ambiente em que o aluno está inserido.

De acordo com Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1989), a criança passa por um processo de aquisição de escrita baseado em cinco níveis de hipóteses: pré-silábica, intermediário, hipótese silábica, hipótese silábico-alfabética e hipótese alfabética. Dos alunos

que trabalhamos durante as intervenções constatamos que, seis estavam no nível pré silábico, no nível de hipótese silábica constatou 14 crianças.

No contexto do desenvolvimento das atividades na escola rural do DF, foram trabalhadas atividades que tinham como objetivo identificar as maiores dificuldades das crianças em português e matemática, e atividades que trabalhavam a leitura e escrita, as letras iniciais e os princípios básicos da matemática. As crianças foram instruídas a trabalharem as letras iniciais, separação silábica e a leitura e escrita por meio de atividades lúdicas, como os jogos. As atividades que envolviam a matemática e seus princípios básicos de adição e subtração, optamos por trabalhar com material concreto para tornar mais atrativo para as crianças.

Constatamos ainda que oito crianças, por estarem em desenvolvimento no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, apresentaram dificuldades em identificar as letras do alfabeto e seu valor sonoro, ainda confundiam e trocavam à correspondência sonora grafema/fonema, em alguns momentos ao escrever omitiam e aglutinaram as letras de grafemas e fonemas.

Quanto ao desenvolvimento lógico matemático, a maioria da turma conseguia diferenciar o tamanho dos objetos: grande e pequeno; quantidade: muito e pouco. Distingue letras e números, no entanto, demonstravam dificuldades em identificar alguns números e realizar operações matemáticas simples. Os alunos que tiveram dificuldades com a matemática disseram que era difícil e não queriam concluir as tarefas fornecidas, é reconhecida na voz do aluno como uma disciplina monótona e misteriosa que assusta e instila medo, e assim o aluno tem vergonha de não tê-la aprendido.

Muitas vezes, alguns alunos obtêm um entendimento incompleto dos conceitos, um entendimento vago do algoritmo, podem aprender a somar ou dividir frações, mas de forma mecânica, sem nenhum entendimento real do que estão fazendo assim, acabam cometendo erros simples. Isso demonstra a importância do professor estar atento às práticas pedagógicas, a fim de atender, na medida do possível, às especificidades de seus alunos. Considerá-los como sujeitos dotados de inteligência e interesses. Quanto a isso, temos uma fala importante da autora Sandra Sawaya (2001), quando afirma que:

Uma das conclusões a que se chega, diante do estado de coisas vigente no campo da alfabetização, é que ainda não conhecemos a criança brasileira, ignoramos o que ela sabe e conhece, suas capacidades e habilidades, e continuamos a adiar a implantação de um projeto político comprometido com as classes populares e com a reformulação das visões ideológicas que organizam a vida cotidiana da escola e a prática escolar.

É mister ressaltar que, sendo a alfabetização etapa fundamental para a formação dos sujeitos, consideramos que é atravessada por múltiplos aspectos, sejam eles pedagógicos, políticos, sociais, e que cabe à toda comunidade escolar o trabalho conjunto e consciente visando à aprendizagem significativa da língua materna, bem como dos princípios matemáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa deste estudo evidencia que as dificuldades não estão estritamente relacionadas a um problema cognitivo, tratam-se também de questões de âmbito social de convivência do aluno e até inadaptação em relação aos métodos utilizados pelo professor em sala de aula. Nesse sentido, refletir a prática pedagógica do professor, repensar as metodologias, compreender os alunos, seu histórico no âmbito escolar e social são essenciais para garantir uma intervenção adequada.

Nesse contexto, a flexibilidade pedagógica e a busca por métodos alternativos de ensino são essenciais para que o aluno avance no seu processo de aprendizagem. Com isso, para que a escola identifique os alunos com dificuldade de aprendizagem e consiga ajudá-los a superarem esse problema, é muito importante ter um planejamento fundamentado a partir das suas necessidades de aprendizagem. Isto é, com atividades pensadas para cada faixa etária e metas de evolução para cada ciclo.

Com base no planejamento pedagógico fundamentado, as avaliações são excelentes instrumentos para a identificação das dificuldades de aprendizagem. A avaliação deve por sua vez ser formativa buscando analisar o estudante de maneira integral, levando em consideração suas principais dificuldades e avanços no processo de aprendizado.

Dessa forma, os professores devem optar por uma metodologia de ensino que vise incluir todos os alunos de acordo com as suas dificuldades e o contexto em que se inserem, devendo as metodologias proporcionar um ambiente educativo interativo e colaborativo que permita aos alunos participarem mais ativamente na sua aprendizagem. Em vez de simplesmente serem receptores passivos de informações, os alunos são incentivados a serem mais curiosos, criativos e a pensar de forma mais crítica sobre o que estão aprendendo.

Graças a isso, acreditamos que após a graduação, teremos um olhar diferenciado para a sala de aula, buscando novos métodos de ensino que abranjam e agreguem no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Concluimos que ser professor é ver o aluno com empatia e em toda a sua integridade, e que essa profissão exige muito estudo e comprometimento por toda a vida.



AGRADECIMENTOS

À CAPES, por permitir a viabilização do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, P. E.; ANDRADE, O. V. C. DOS A.; PRADO, P. S. T. DO .. Psicogênese da língua escrita: uma análise necessária. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p. 1416–1439, out. 2017.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Relatório de resultados do Saeb 2019: volume 2: 2º ano do ensino fundamental. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. *Pisa 2000. Relatório Nacional*. Brasília: Inep/MEC, 2018.

CIASCA, S. M. Distúrbios de Aprendizagem: uma questão de nomenclatura. *Revista Sinpro*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 04-08, out. 2003.

Emília. *Alfabetização em processo*. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

SAWAYA, S. M.. Alfabetização e fracasso escolar: problematizando alguns pressupostos da concepção construtivista. **Educação e Pesquisa**, v. 26, n. 1, p. 67–81, jan. 2000.

SOARES, M. *Letrar é mais que alfabetizar* *Jornal do Brasil*, 2000

